

Uma breve leitura das *megachurches* nos Estados Unidos e a busca por um remodelamento da tradição: A influência desse modelo nas igrejas evangélicas brasileira

A brief reading of megachurches in the United States and a search for a remodeling of tradition: The influence of this model in the Brazilian evangelical churches

Moyses Naftali Leal Quiterio¹

Resumo: O presente artigo discorre de um tema muito discutido na academia norte-americana e que ganha força nas igrejas brasileiras na contemporaneidade. Esse modelo vem quebrando paradigmas e buscando uma nova fase para a igreja, sobretudo para as igrejas protestantes. As igrejas chamadas de *megachurch* americanas vem sendo um arquétipo para muitas das igrejas da atualidade, tornando-se o espírito de nossa época. A principal ideia do texto é mostrar que a tradição tem sido reescrita por esse modelo de igreja, uma nova liturgia tem sido redesenhada para esse estilo de igreja. A hipótese do texto é que as igrejas brasileiras, em especial as pentecostais, vêm buscando seguir esse modelo. O caminho do texto segue um viés da ciência da religião com uma metodologia bibliográfica.

Palavras-chave: Mega-Igreja; Pentecostalismo; Evangélicos; Ciências da Religião.

Abstract: This article discusses a theme that is much discussed in the American academy and which gains strength in the Brazilian churches in the contemporary world. This model has been breaking paradigms and seeking a new phase for the church, especially for Protestant churches. Churches called American megachurch have been an archetype for many of today's churches, becoming the spirit of our time. The main idea of the text is to show that tradition has been rewritten by this model of church, a new liturgy has been redesigned for this church style. The hypothesis of the text is that the Brazilian churches, especially the Pentecostals, have been seeking to follow this model. The path of the text follows a bias of the science of religion with a bibliographical methodology and field visit.

Keywords: Megachurch; Pentecostalism; Evangelicals; Sciences of Religion.

Introdução

As *megachurches* americanas se tornaram em pouco tempo um grande fenômeno social que ascende não somente nos Estados Unidos, mas também um modelo institucional que foi exportado para muitos países. São vários caminhos percorrido na academia norte-americana para acompanhar o seu crescimento. Essa nova maneira de *ser*

¹ Mestre em Ciências da Religião e Teólogo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Membro do grupo de pesquisa NEP – Núcleo de Estudos do Protestantismo da UPM.

igreja no século XXI parece correr a passos largos para uma transformação, que vai além de ser teológica, mas sobretudo social que atinge a comunidade protestante.

Ademais, nosso objetivo nesse texto é procurar retratar alguns contornos sociais desse fenômeno ancorado por uma pesquisa bibliográfica de diversos autores que acompanham esse novo remodelamento da Igreja Protestante. Além disso, gostaríamos aqui de contribuir e procurar mostrar a motivação e o significado desse novo movimento cultural sociológico que atingi em nossos dias grandes metrópoles do mundo, inclusive muitas cidades do Brasil, artigo para qual o público é destinado. Por fim, tentaremos aqui descrever uma faceta vista por uma lente do pesquisador que foi observar em campo e perceber como essas grandes igrejas trabalham.

Mas a pergunta que podemos fazer é: Por que devemos olhar para um fenômeno que ocorre nos Estados Unidos e não no Brasil? Poderíamos suscitar diversas respostas, contudo, partimos do pressuposto que os Estados Unidos é o epicentro desse modelo proposto de grandes igrejas, se tornando referência para uma teologia e as suas mudanças sociais que mais tarde atingiram o Brasil. Além disso, é interessante observamos essas mudanças e quem sabe pensar nos novos ensinamentos teológicos sendo produzido a partir desse novo modelo.

Seguindo na mesma direção, é importante estudarmos esse fenômeno ocorrido nos Estados Unidos, pois de alguma maneira a cultura estadunidenses permeia a sociedade brasileira seja ela intrínseca ou não. Isso quer dizer que, se pudermos observar ou compreender essas instituições religiosas no âmbito social, poderemos decerto acompanhar possíveis mudanças ocorridas na igreja do Brasil e quem sabe prever o porvir.

Para um exercício prático, convido a refletir que muito do que vemos na igreja protestante brasileira nem sempre tem uma origem de nossa brasilidade. Certo dia, conversando com um pastor de uma *megachurch* na região metropolitana de São Paulo, nos contou que a igreja do momento tinha que ter um ambiente escuro, e ele começou a descrever de como deveria ser. Segundo esse pastor as paredes, cadeiras, pisos e tetos deveriam ter tons de cores escuras. A iluminação deveria ser também adequada para aquele ambiente, uma luz fraca e amarela seria possivelmente o ideal durante uma pregação. Uma estrutura de iluminação para o palco – não mais púlpito – bombas de fumaça artificial sendo utilizada no momento do *louvor* – sendo agora trocada pela palavra *worship* –. Perguntamos a ele o motivo desse novo modelo. Esse pastor sem hesitar, afirmou que esse era o modelo que se usava nas *megachurches* nos Estados

Unidos e que deveria ser replicado como um novo jeito e que os jovens gostariam de frequentar.

Em nossa pesquisa de campo nos Estados Unidos e conversas com algumas pessoas, nos chamou a atenção o diálogo com um ex-líder de *megachurches* que por nove anos participou desse movimento no sul do Estados Unidos – região do *bible belt*² (*cinturão bíblico*) – local que se concentra o maior número dessa modelo igreja. Esse ex-líder (D.B, 38 anos) andou em diversas *megachurches* no sul do país, inclusive fazendo treinamento por líderes de algumas instituições. Ele descreveu que a origem do ambiente escuro está ligada na centralidade do palco, um ambiente escuro fará com que as pessoas se concentram no que está acontecendo e não perca atenção no que é apresentado. Como um teatro ou cinema onde todo o foco do espetáculo está na apresentação. Essa lacuna que o pastor não conseguiu perceber na origem do ambiente escuro é um exemplo prático da causa. Para que fique claro, as *megachurches* no Estados Unidos não se limita a somente ambiente escuro, existem também as igrejas com tons claros que são também consideradas *megachurches*.

Breve conceito e tipologia de uma *megachurch*

Precisamos primeiro definir o que é uma *megachurch*. Nos Estados Unidos elas são predominantes protestante. *Hartford Institute for Religion Research*³, apontou em uma pesquisa 1650 *megachurches* em seu país. Outro fator que não podemos deixarmos de analisar é a geografia. As igrejas estão em áreas suburbanas de cidades de rápido crescimento, como Los Angeles, Dallas, Atlanta, Houston, Orlando, Phoenix e Seattle. São igrejas que geralmente ocupam áreas de terra proeminentes de duzentos a quatrocentos mil metros quadrados, frequentemente próximas a grandes vias de tráfego. Ademais, mais de 70% das *megachurches* estão localizadas no sul do país, estados como: a Califórnia, Texas, Flórida e Geórgia tem também as maiores concentrações.

² Nos Estados Unidos existe o famoso cinturão-bíblico chamado de *bible belt*. O nome é derivado da forte ênfase com as denominações protestantes. Ocupam a região sulista norte-americana com uma grande atuação de cristãos. São praticamente vinte dos cinquenta Estados americanos que pertencem de maior ou menor intensidade ao cinturão. É o modelo de liderança política que é formada por Estados protestantes e conservadores e as vezes fundamentalista. Esse modelo de liderança política norte-americano é oriundo de uma teologia direita cristã norte-americana.

³ Disponível em: *Megachurch Definition* <<http://hrr.hartsem.edu/megachurch/definition.html>> acessado em 27 de maio de 2019.

A quantidade de frequentadores em um culto varia entre os pesquisadores, são eles: Vaughn, 1993; Thumma, 1996; Chaves, 2006; Thumma, Travis and Warren, 2007; Ellingson, 2007 e *Hartford Institute for Religion Research*, mas em geral são definidas como tendo entre 1.500 a 2.000 pessoas por culto, contando adultos e crianças. Entretanto, existe até igrejas maiores, chamada de *gigachurch*, que possuem capacidade para 35.000 pessoas como é o caso da *Westside Family Church*, Kansas City, além de algumas outras. Entretanto, existem outros fatores, como uma liderança carismática – no modelo proposto por Max Weber (2004) –, sistemas de som e imagem de última geração, o uso de tecnologia em geral ajuda para qualificar ainda mais, um culto desse modelo é menos litúrgico e devocional, dando um aspecto mais contemporâneo.

O crescimento dessas instituições religiosas se acentuou a partir da década de 1980 nos Estados Unidos. As igrejas dignas de nota são: *New Birth Missionary Baptist Church* em Atlanta, Geórgia, onde saiu de 300 membros em 1987 para 23.000 em 1999. Outra Igreja que mostrou seu enorme crescimento foi a *Windsor Village United Methodist Church* quanto tinha 25 membros em 1982 para mais de 10.000 membros em 1998. Além disso, podemos perceber que todas as igrejas mencionadas são de origem histórica batista. Poderíamos também acrescentar a *St. Paul Community Baptist Church*, Brooklyn, New York, que saiu de 84 para 5.000 membros em 1993 (TUCKER-WORGS, 2002, p.182).

Em 1993 essas igrejas começaram a ser observadas por cientistas sociais. Esse modelo de grandes igrejas que tinha a capacidade de atender um grande número de pessoas em uma única reunião. Eram igrejas locais que se tornaram grande em suas comunidades, geralmente eram instaladas em centros urbanos estratégicos, mas que não necessariamente tinham a pretensão de expandir para o resto do país. Nas últimas décadas a academia surgiu descrevendo as mais diversas facetas desse novo movimento com o objetivo de compreender toda a complexidade da *megachurch*, como por exemplo o departamento de geografia da *University of Kansas*, Lawrence, Kansas, e departamento de geografia da *Florida State University*, Tallahassee, Florida, para estudar a localização dessas igrejas na América (WARFA, BARNEY, e WINSBERGB, MORTON, 2010).

Os dois caminhos da tradição e o problema com o passado.

Precisamos antes partir do pressuposto que as *megachurches* tem uma característica e que acaba sendo um campo fértil que é a diversidade cultural. As *megachurches* americanas se desenvolvem em grandes centros urbanos, contextualizando

com diversos grupos étnicos e raciais, fazendo com que elas adicionam um estilo musical, criando uma teologia acessível e programas mais comuns para atenderem a demanda de todas as classes sociais. Além disso, podemos seguir na direção de alguns autores e concordar que o Estados Unidos é indiscutivelmente o mais religiosamente diversificado do mundo (ECK, 2001), esse motivo se dá pela imigração dos quatros continentes. Warf e Winsberg (2010) se utiliza dos escritos de Kohut e Stokes (2006, p.103) para sustentar tal afirmação:

Em quase todas as medidas, os Estados Unidos são a nação mais religiosa do mundo. De fato, é a única nação rica e religiosa do mundo. (...) Os americanos são mais religiosos do que outros povos ricos e educados porque vivem em um mercado religioso mais aberto, com mais igrejas e uma variedade maior de perspectivas religiosas que competem por sua devoção. Com mais opções, os americanos se tornaram grandes consumidores de religião. Os europeus seculares, em contraste, vivem em um mercado não competitivo.

É possível então perceber que a igreja como um produto do meio social passa por mudanças em seus tempos. Esse modelo de *megachurch* parece sugerir um novo caminho para a tradição protestante. Na contramão, não podemos negar que a tradição tem sido um importante componente para a manutenção das religiões. A tradição pode oferecer a religião ou a igreja, a legitimidade, autoridade, poder e relevância para o seu tempo. O cristianismo como uma religião milenar e o protestantismo com os seus séculos de existência tem sido exemplos da importância da tradição. A tradição é um componente essencial para dar autoridade vital e preservar a transmissão da mensagem.

Possivelmente a diferença entre a ciência da religião e a teologia é a percepção, ou se preferir a lente do seu objeto. Ou seja, enquanto que o teólogo analisa de dentro dos muros de uma instituição ou religião, a ciência da religião observa do lado de fora tais mudanças ocorrida relacionando com as mais variadas ciências. Para um teólogo a mudança está ocorrendo dentro da igreja, a tradição tem sido alterada para um novo modelo a *ser* apresentado, e que inclusive pode ser questionado e ser advertido pela tradição, no caso a Bíblia ou uma recente bibliografia ou experiência vivida a ser apresentada, isso quer dizer que a teologia de alguma maneira pode dar a sentença do *certo* ou *errado*.

Entretanto, para a ciências da religião, as lentes são outras, não cabe a sentença. Apenas acompanhar as mudanças que nesse caso ocorrem de fora para dentro da igreja. Isso quer dizer que as mudanças ocorridas na sociedade impactam de alguma maneira a igreja. Como exemplo prático, podemos pensar como os dispositivos multimídia em

nossa sociedade são colocados em prática nas celebrações religiosas, toda essa inserção tecnológica ocorre porque de alguma maneira a igreja é um produto do meio. Outro exemplo, cabe na fluidez das relações pessoais que é derramada nas igrejas, a decisão individual e experiências são fatores relevantes para esse novo modelo de igreja.

Entretanto, possivelmente o ponto que une as duas áreas do conhecimento, teólogos e cientistas da religião citados nesse assunto são, as *megachurches* americanas tem colocado a tradição religiosa em constantes mudanças, oferecendo novos caminhos para uma nova geração do seu tempo. Na pesquisa de campo de Ellingson (2007) em nove *megachurches* descreveu relatos de pastores que diziam quase que nas mesmas palavras a seguinte declaração: “se nós não mudássemos a igreja morreria”.

Seguindo na direção de Ellingson (2007, p.23) a tradição é intrinsecamente problemática e por conta disso não se torna um objeto de simples discussão. Ele sugere dois caminhos para a tradição ou se preferir, duas faces. Ellingson entende que a primeira face olha para o *passado* vendo a tradição religiosa e as suas crenças, doutrinas, valores, práticas de adoração e educacional, tudo isso entendido como um *arquivo*. Essa primeira face segundo ele é entendida como um repositório de formas de símbolos e práticas que um grupo ou indivíduos tem acessos de como significa atos como um membro de uma organização religião.

Enquanto a primeira face da tradição olha para o *passado*, Ellingson (2007, p.23) descreve que a segunda face, agora mira em direção ao *presente* para a atividade religiosa como um veículo de expressão usado por um grupo religioso. Isso quer dizer que existe um balanço entre as duas faces, entre o *passado* e o *presente*, promovendo uma sucessão de cada geração. Ellingson (2007, p.25) descreve que as *megachurches* de origem luterana se viram quebrando com o *passado* da tradição e buscando uma nova maneira de fazer o *presente*. Como exemplo essas igrejas eliminaram a honra dos elementos luteranos como a ordem litúrgica, adoração, recitação dos credos apostólicos, e também abandonaram uma linguagem teológica do luteranismo histórico, tais como: pecado, expiação e justificação, além disso, abandonaram também textos de interpretação que explicita os símbolos de interpretação dos milagres de Jesus, morte e ressurreição. Para Ellingson (2007, p.31) muitas dessas igrejas que se tornaram grande, abandonaram a sua liturgia clássica e adotaram um modelo genérico de oração, louvor e pregação.

Ellingson (2007, p.56) observa como essas *megachurches* buscaram essa nova tradição. Entrevistas com membros e pastores fizeram com que ele descrevesse possíveis

respostas para tais mudanças na tradição. Ele cita um trecho de uma entrevista com um dos pastores dessas igrejas:

As gerações da segunda guerra mundial procuram uma igreja com ordem que fornecesse uma resposta clara baseada na Bíblia. As novas gerações estão procurando o que realmente é real. Eles disseram para mim: "Não me diga quem sou o que é Deus – ajuda-me a experimentar Deus. Como é que a religião me ajuda a dar sentido à minha vida agora?" A igreja moderna luta contra os desafios da ciência e do pós-modernismo que rejeitam o literalismo e a doutrina da Bíblia. Gerações mais novas querem descobrir Deus e não ser dito a respeito de Deus. O desejo de um pastor que não lhes diga em que acreditar, mas que será um companheiro com eles em uma jornada - eles querem ser reais.

Ellingson (2007, p.111) estende que as *megachurches* buscam desde então uma nova tradição, a ênfase das *megachurches* estão na decisão individual, emoção e a experiência no culto. É por isso que toda reunião acaba sendo um espetáculo a ser apresentado pela instituição. Um novo visitante encontrará essa nova experiência ao estacionar o carro com voluntários recepcionando e dando boas vindas até o término do culto. A música é um rock contemporâneo, recursos de multimídia são usados de maneira abundante, além de drama em apresentações. A pregação também mudou, uma pregação por tópicos, aplicada e tratando dos aspectos benéficos da vida cristã. Em outro momento, Ellingson (2007, p.180) descreve que o movimento cresce tendo uma linguagem de *business*, ao que parece essas igrejas aprenderam lições valiosas das grandes corporações.

Megachurches e o Megabusinesses

Entretanto, o modelo de *megachurch* se tornou um mercado a ser explorado, principalmente nos últimos dez anos nos Estados Unidos. A revista Forbes⁴ publicou em 2003 uma reportagem a respeito de um novo mercado onde “ajudar as igrejas a crescer é um negócio em si”. Segundo a investigação eles mostraram que existe uma empresa de capital aberto com o nome *Kingdom Ventures*, que tem o objetivo de ajudar as organizações baseadas na fé a se tornarem maiores. Fundada em 1999, a empresa operava com doze subsidiárias e afirmava trabalhar com 10.000 igrejas em todo o mundo, o seu serviço iria desde captação de recursos até planejamento de eventos para atualizar a tecnologia, e auxiliando a vender novas tecnologia para as igrejas. A Forbes discorre da

⁴ Disponível em: Artigo com o título: Megachurches, Megabusinesses <https://www.forbes.com/2003/09/17/cz_lk_0917megachurch.html#2df51bc57489> acessado em 27 de maio de 2019.

seguinte frase do Gene Jackson, presidente-executivo: "Uma das razões pelas quais megachurches são tão grandes é porque usam a tecnologia de hoje", e disse ainda mais: "Nós podemos ajudar as igrejas menores a se tornarem grandes com a tecnologia".

Segundo D.B de 38 anos, essas empresas podem ajudar de todas as maneiras, que podem ir desde o marketing, finanças e até uma nova linguagem teológica. Mudanças como alteração do nome da igreja são alguns dos exemplos que podem ser sugeridos e que podem funcionar. Ademais, percebemos que nomes de muitas igrejas, foram mudados, deixaram seus nomes de igreja tradicionais e passaram para nomes mais modernos, a exemplos igrejas como *Lakewood Church*, *The Potter's House*, ambas no Texas, *Saddleback Valley Community Church*, Califórnia, *Abundant Living Faith Center*, no Texas, *Elevation Church*, na Carolina do Norte, *Bethel Church*, na Califórnia, *Hillsong Church*, em Nova York, *New life Church*, no Colorado. Esses são alguns dos nomes de algumas das *megachurches* nos Estados Unidos.

Além disso, as *megachurches* deixaram de lado rótulos institucionais que antes eram vistos como orgulho, pelo menos não mais estampados em placas ou mídias sociais. O orgulho de *ser* uma igreja batista, luterana ou pentecostal são vistos como algo já superado por *megachurches*. Tucker-Worgs (2002, p.184) descreve o slogan de uma *megachurch*: "'We are a Christian church. Baptist by denomination, Pentecostal by experience, Holiness by choice.' Cathedral Second Baptist Church". O motivo desse não pertencimento parece ter uma simples razão, Thumma (2007) entende que em geral a afiliação religiosa é vista como teologicamente conservadora e isso é compreendido como uma barreira para esse modelo de igreja. As mudanças são feitas justamente como uma estratégia para novos integrantes e possíveis mudanças sociais e teológicas quem venham ocorrer na instituição religiosa.

Contrariando as expectativas, as *megachurches* se organizam para um intenso compromisso pessoal e o engajamento dos seus frequentadores. As *megachurches* hospedam uma multiplicidade de ministérios sociais, recreativos e de ajuda para toda a comunidade. Além disso, como um pastor ou uma igreja com algumas dezenas de pastores pode ajudar a milhares de pessoas nos mais variados temas de uma igreja. É nesse caso que a igreja se divide em pequenos grupos baseado em interesses, com os mais variados temas, as famosas *cafeterias* ou *crews*, são grupos que de alguma maneira se interagem.

Enquanto isso no Brasil

Já no Brasil, percebemos que não está muito bem definido uma tipologia para descrever uma mega-igreja. A academia brasileira se preocupou observar o fenômeno por outra vertente. O crescimento do protestantismo e, por conseguinte o pentecostalismo com as suas respectivas denominações que espalharam pelos quatro cantos do país foi certamente uma lacuna bem preenchida. O neopentecostalismo, como a filha mais jovem do pentecostalismo foi bem ancorado com dissertações e teses que surgiram já na década de 1990, com importantes estudos de grandes instituições religiosas brasileiras.

Certamente, existe no Brasil igrejas que possam atender um grande número de pessoas, como por exemplo as *megachurches* americanas, entre 1.500 a 2000 pessoas. De qualquer forma, precisamos entender que o fenômeno que existe nos Estados Unidos e no Brasil é diferente, o que se assemelha é uma busca da igreja brasileira pelo estilo de uma *megachurch* americana.

Podemos observar que as grandes igrejas neopentecostais no Brasil, como por exemplo: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja e Igreja Mundial do Poder de Deus, possuem estruturas em algumas localidades para atender um alto volume de pessoas, mas não se assemelha ao estilo de uma *megachurch* americana. Igrejas como: Renascer em Cristo e Batista da Lagoinha são igrejas mais próximas ao estilo americano. A maior igreja pentecostal, a Assembleia de Deus é um caso a parte, com seus diversos ministérios ligado, é possível observar algumas igrejas despontando como uma *megachurch* em estilo americano, principalmente as igrejas ligadas ao ministério Madureira, que é conhecido por ser mais *liberal* em seus costumes.

Além disso, precisamos mostrar que a geografia do Brasil e dos Estados Unidos é completamente diferente. O espaço geográfico das cidades americanas permite grandes construções, no Brasil o contexto dos grandes centros é outro. No Brasil não possuem espaços preparados quando comparado aos Estados Unidos, pois não é somente uma grande igreja, é preciso estacionamento ou transporte público que comporte toda a uma multidão de pessoas. É por isso que na cidade de São Paulo existe o “Corredor da Fé”, no Brás⁵. O que vemos no Brasil são muitas igrejas que se arranjam em espaços que muitas vezes são industriais para se adequarem a uma alta quantidade de pessoas.

⁵ Ver mais na dissertação de mestrado do autor, Quiterio (2018). QUITERIO, Moyses Naftali Leal. A hipérbole do neopentecostalismo brasileiro: estudos a respeito da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de

Outro tema é importante e que podemos observar é o estilo musical do rock, ambiente escuro, e um sistema de som e iluminação das *megachurches*, são agora o objetivo boa parte de igreja que se enxerga como uma mega-igreja brasileira, seja ela pequena, média ou grande. Esse modelo é justamente por conta do epicentro nos Estados Unidos, a busca pela imitação é o desejo de muitas igrejas brasileiras. Para se ter uma ideia, não é difícil pesquisar nas redes sociais, pastores brasileiros que buscam o modelo de *megachurch* e que visitam de tempos em tempos os Estados Unidos para a busca de modelos litúrgicos, tecnologia, estilo musicais para ser implementados em suas igrejas. A musicalidade americana se tornou um novo consumo para a igreja brasileira, muitas músicas têm sido traduzida, tocadas e cantadas no circuito evangélico.

Considerações finais

Ao que tudo indica, as *megachurches* possuem uma agenda. Contudo, não acreditamos que necessariamente seja um movimento organizado, mas segue uma linha de desconstrução da tradição. Uma agenda que busca remodelar a tradição da sua religião inserida, seja ela nos Estados Unidos ou no mundo. Observamos ao longo do texto que a busca pela *experiência* tem sido um grande destaque para as instituições buscarem novos frequentadores, aliais isso não é algo recente, os movimentos avivalistas e em seguida o pentecostalismo, olharam para a *experiência* como algo singular para os seus tempos.

Não resta dúvidas que o grande desafio para o protestantismo reside no seu próprio nome. O seu jeito de protestar tornou-se seu próprio algoz. Os subgrupos e igrejas do protestantismo continuam a protestar a todo instante no que acharem que devem fazer. As *megachurches* não são diferente e continuam protestar com a sua tradição ajustando em sua cultura. A busca é uma positividade ancorada em músicas, discursos e pregações dos seus líderes e uma flexibilização na tradição. Ademais, as questões relacionadas a teologia merecem um outro texto a ser discuto como tem sido talvez o grande desafio para essas igrejas. A pouca ênfase na educação, ou seja, nos ensinios as Escrituras é possivelmente uma grande lacuna.

Esse modelo de igreja parece ainda render muito nos Estados Unidos e no Brasil, ao que percebe as pequenas igrejas estão olhando as *megachurches* como um arquétipo e

Deus, o líder apóstolo Agenor Duque e suas inscrições midiáticas no cenário religioso Brasileiro. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018. 142 p.

desejando ser essas grandes igrejas. Com isso, reproduzem dentro de suas condições e estruturas. Não é incomum nos Estados Unidos o mesmo fenômeno. Observamos em nossas visitas de campo em igrejas menores americanas pentecostais reproduzindo o espírito de uma *megachurch*. A propósito, podemos pensar a *megachurch* como um *espírito de nossa época*.

Referência Bibliográfica

CHAVES, M., *All creatures great and small: megachurches in context*. Review of Religious Research, 47 (2), 329-346. 2006.

ECK, D., *A New Religious America: the world's most religiously diverse nation*. San Francisco: Harper Collins. 2001.

ELLINGSON, S., *The megachurch and the mainline: remaking religious tradition in the twenty-first century*. Chicago, IL: University of Chicago Press. 2007.

TUCKER-WORGS, Tamelyn "Get on Board, Little Children, There's Room for Many More: The Black Megachurch Phenomenon," *Journal of the Interdenominational Theological Center*: Vol. 29: Iss.1, Article 2. Available at: <http://digitalcommons.auctr.edu/itcj/vol29/iss1/2>. 2002.

THUMMA, S., "Megachurches of Atlanta". In: G. Laderman, ed. *Religions of Atlanta: religious diversity in the centennial olympic city*. Atlanta, GA: Scholars Press. 1996.

THUMMA, S., Travis, D. and Warren, R., *Beyond megachurch myths: what we can learn from america's largest churches*. San Francisco, CA: Jossey-Brass. 2007.

VAUGHN, J., *Megachurches and America's cities: how churches grow*. Grand Rapids, MI: Baker Books. 1993.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.